

Mulheres idosas e Cidade Amiga do Idoso: revisão de escopo*

Elderly women and the Elderly Friendly City: scope Review

*Las mujeres mayores y la Ciudad Amiga de las Personas
Mayores: revisión del alcance*

Lucila Maria Barbosa Egydio
Bibiana Graeff

RESUMO: A feminização da velhice marca diversas sociedades contemporâneas. O projeto Cidade Amiga do Idoso recomenda captar as demandas dos habitantes idosos em relação ao meio em que vivem (OMS, 2008). Objetiva-se investigar se a literatura relacionada a este projeto apresenta informações em relação à mulher idosa. Embora nenhum estudo tenha como foco as mulheres idosas, alguns trazem reflexões sobre elas, ou destacam a relevância de se considerar o gênero para se pensar em Cidades Amigas do Idoso.

Palavras-chave: Mulher idosa; Cidade Amiga do Idoso; Feminização da velhice.

ABSTRACT: *The feminization of old age marks several contemporary societies. The Age-friendly cities project recommends capturing the demands of older inhabitants in relation to the environment where they live (WHO, 2008). Objective: to investigate whether the literature related to this project presents information regarding older women. Although no study focuses on older women, some bring reflections on them, or highlight the relevance of considering gender issues to think about Age-Friendly Cities.*

Keywords: *Older woman; Age-Friendly Cities; Feminization of aging.*

RESUMEN: *La feminización de la vejez marca varias sociedades contemporáneas. El proyecto Cidade Amiga do Idoso recomienda captar las demandas de los habitantes de edad avanzada en relación con el entorno en el que viven (OMS, 2008). Objetivo: investigar si la literatura relacionada con este proyecto presenta información sobre mujeres ancianas. Aunque ningún estudio se centra en mujeres mayores, algunos aportan reflexiones sobre ellas, o resaltan la relevancia de considerar el género para pensar en Ciudades Amigas de las Personas Mayores.*

Palabras clave: *Anciana; Ciudad Amiga de los Ancianos; Feminización de la Vejez.*

Introdução

Urbanização, envelhecimento populacional e feminização da velhice são tendências demográficas contemporâneas observadas em diversas regiões do planeta. Nesse contexto, é relevante questionar se existem especificidades que afetam as mulheres idosas em relação ao espaço urbano, e se isso tem sido objeto de pesquisas, em especial no campo da Gerontologia.

Bezerra, Almeida e Nóbrega-Therrien (2012, p. 156) afirmam que, nos países em desenvolvimento, o número de pessoas com idade acima de 60 anos mais do que dobrou nos últimos 50 anos. Estes países estão envelhecendo em uma velocidade muito maior que a dos países desenvolvidos: até 2050, pouco mais de 80% dos idosos do mundo viverão em países em desenvolvimento, comparativamente com 60% em 2005 (Organização Mundial da Saúde, 2008).

Constituindo a maioria da população idosa em todas as regiões do planeta, as mulheres vivem, em média, de cinco a sete anos a mais que os homens (Almeida, *et al.*, 2015). Esse predomínio de mulheres na população idosa é denominado por estes e outros autores como feminização da velhice. Camarano (2002) aduz que, quanto mais velho for o contingente estudado, maior será a proporção de mulheres, constatando que “o mundo dos muito idosos é um mundo das mulheres” (p. 6).

Diversos estudos atentam-se para as diferenças do envelhecimento das mulheres, em relação ao dos homens. Para Pedreño (2000), sexo e idade são dois determinantes básicos e universais dos papéis e das posições que as pessoas ocupam na sociedade. Bassit e Witter (2017) ratificam que as diferenças de gênero são assunto recorrente em várias

áreas do conhecimento humano e ressaltam três aspectos para o caso do envelhecimento: a feminização do envelhecimento, a violência contra as mulheres e homens idosos e as redes de apoio e da família na velhice. As autoras completam ainda, citando Motta (2006, como citado em Bassit, & Witter, 2017, p. 3418), que:

[...] as concepções sobre a velhice, assim como a vivência do processo de envelhecimento são distintas entre homens e mulheres, em função dos diversos processos de sociabilização e, principalmente, da constituição do sujeito masculino e feminino nas sociedades contemporâneas [...].

Motta (1999) observa que tem encontrado na pesquisa com idosos, principalmente em relação às mulheres, que sua “identidade de gênero parece ser, realmente, constitutiva da sua identidade (geracional) de idosas” (Motta, 1999, p. 202). As trajetórias sociais de gênero perpassam também a diversidade de situação de classe. A velhice tende a reproduzir e reforçar, se não ampliar, as desigualdades sociais (Motta, 1999).

A preocupação quanto à vulnerabilidade da mulher idosa aparece no plano internacional. A Organização Mundial da Saúde (OMS), por exemplo, em documento que aborda a saúde da mulher (World Health Organization, WHO, 2015), apresenta aspectos que dificultam o envelhecimento bem-sucedido, tais como o risco de pobreza maior para a mulher idosa, e também o ageísmo, até mesmo em locais de tratamento de saúde. O reconhecimento de que alguns idosos são mais vulneráveis do que outros, existindo vítimas de discriminação múltipla, foi consagrado na Convenção Interamericana de Direitos Humanos dos Idosos, adotada em 2015, como primeiro tratado internacional voltado às pessoas idosas (Graeff, 2018). O texto, no artigo 5º, inclui nessa categoria as mulheres idosas e insta os Estados-Partes a adotarem enfoque específico para este público em suas políticas públicas (Organização dos Estados Americanos, 2014, p. 7).

Desse modo, é necessário analisar as particularidades do envelhecimento feminino, a relação da mulher idosa com os espaços onde vive e por onde circula e a possível necessidade de políticas específicas para esta fatia da população. Sobre o tema, é relevante abordar o Projeto Mundial Cidade Amiga do Idoso, *Age-Friendly Cities* (AFC) (Organização Mundial da Saúde, OMS, 2008). O projeto é pautado no fato de que o envelhecimento da população e a urbanização representam, ao longo do último século, “o ápice do êxito do desenvolvimento humano”, mas, por outro lado, constituem “os

principais desafios para este século” (Organização Mundial da Saúde - OMS, 2008, p. 9). Uma Cidade Amiga do Idoso deve promover o Envelhecimento Ativo, e sendo este um processo cultivado ao longo da vida, uma Cidade Amiga do Idoso é amiga de todas as idades (Organização Mundial da Saúde, OMS, 2008).

A Organização Mundial da Saúde (2002) admite que as oportunidades iguais ou desiguais em função do gênero, destacando-se a feminização da velhice, são determinantes transversais do Envelhecimento Ativo. Embora o projeto AFC tenha por finalidade a promoção do Envelhecimento Ativo, afirma (Organização Mundial da Saúde, OMS, 2008, p. 13) que:

Os determinantes do envelhecimento ativo de cultura e gênero foram incluídos apenas indiretamente neste projeto, porque sua influência sobre o envelhecimento ativo vai muito além da vida urbana. Por causa da grande abrangência de sua influência, estes determinantes merecem iniciativas específicas para eles.

Desse modo, no Guia Global Cidade Amiga do Idoso (Organização Mundial da Saúde, OMS, 2008), são feitas poucas menções à questão de gênero ou especificamente em relação às mulheres, como revela o Quadro 1, a seguir:

Quadro 1 – Menções a gênero ou a mulher no Guia Global Cidade Amiga do idoso

“Vizinhanças seguras permitem que crianças, mulheres jovens e pessoas idosas tenham confiança em sair, seja para atividades de lazer ou sociais.”	OMS, 2008, p. 11
“Os determinantes do envelhecimento ativo de cultura e gênero foram incluídos apenas indiretamente neste projeto, porque sua influência sobre o envelhecimento ativo vai muito além da vida urbana. Por causa da grande abrangência de sua influência, estes determinantes merecem iniciativas específicas para eles.”	OMS, 2008, p. 13
“Os idosos em Islamabad recomendam que as mulheres mais velhas tenham preferência nas filas.”	OMS, 2008, p. 20
“A saúde pode estar em declínio, o que limita a sua capacidade (dos idosos) de participar. Devido às mudanças na estrutura da sociedade, há um número maior de mulheres que trabalham e, portanto, não dispõem de tempo durante o dia para visitar os idosos.”	OMS, 2008, p. 38
“Poucos homens participam; eles não aceitam a sua idade e/ou se sentem desconfortáveis rodeados de tantas mulheres. Idoso, Cancún.”	OMS, 2008, p. 38
“Ficou claro pelo estudo realizado que o respeito e a inclusão social dos idosos dependem de outros fatores, além das mudanças sociais: cultura, gênero, condição de saúde e <i>status</i> econômico têm um papel importante na inserção social dos idosos. O grau de participação dos idosos na vida social, cívica e econômica da cidade está, também, intimamente relacionado à experiência deles de inclusão.”	OMS, 2008, p. 42

“Em Islamabad, os idosos contam que as mulheres mais velhas nem sempre são consultadas sobre questões familiares.”	OMS, 2008, p.45
“Em Istambul, foi dito que se deve apoiar mais as mulheres que trabalham em casa e, em Nova Delhi, sugere-se a sensibilização dos empregadores quanto às necessidades dos idosos.”	OMS, 2008, p. 49
“Como mencionado anteriormente, a presente pesquisa não enfocou especificamente os determinantes de gênero e cultura do envelhecimento ativo, apesar de seus efeitos serem enunciados esporadicamente neste Guia.”	OMS, 2008, p. 65
“Por exemplo, em muitas cidades foi observado que os homens são menos engajados em atividades sociais que as mulheres, e a situação de muitas mulheres mais velhas está descrita como uma barreira que as de grupos mais economicamente desfavorecidos enfrentam nas grandes cidades. Outras pesquisas, desenvolvidas com a colaboração de cidades em diferentes regiões do mundo serão conduzidas para abordar esses determinantes específicos, começando com uma iniciativa da Academia de Medicina de Nova York, com o tema “envelhecimento numa terra estrangeira.”	OMS, 2008, p. 65

Fonte: OMS, 2008

Complementando o Guia (Organização Mundial da Saúde, OMS, 2008), o Protocolo de Vancouver (World Health Organization, WHO, 2007) detalha o método que deve ser aplicado na pesquisa que conduz à implantação de uma iniciativa Amiga do Idoso. Este documento tampouco apresenta maiores especificidades em relação às mulheres idosas, a não ser as orientações de que os grupos focais com moradores idosos, procedimento recomendado em uma das etapas de implantação de uma Cidade Amiga do Idoso, devem tentar reproduzir a proporção de homens e mulheres verificada demograficamente na população idosa da localidade, e de que pode haver grupos separados por sexo em função de questões culturais locais (World Health Organization, WHO, 2007). No roteiro proposto para a condução dos grupos focais, por exemplo, não há nenhuma questão que direta e expressamente estimule discussões sobre alguma especificidade de mulheres no processo de envelhecimento ou na velhice nas cidades (World Health Organization, WHO, 2007).

Em 2015, entretanto, uma publicação da OMS parece indicar uma mudança de entendimento da Organização em relação à incorporação das questões de gênero nas análises de características amigáveis à população idosa de determinada localidade. Trata-se de um Guia de indicadores para tal finalidade, no qual se valoriza que sejam empreendidas comparações entre a situação de homens idosos e de mulheres idosas, a fim de se avaliar a equidade de gênero (World Health Organization, WHO, 2015).

Levando-se em consideração que inúmeras iniciativas Amigas do Idoso aplicaram ou se inspiraram no projeto proposto pela OMS, algumas delas com adaptações metodológicas (Graeff, Domigues, & Bestetti, 2012; Graeff, *et al.*, 2019; Plouffe,

Kalache, & Voelcker, 2016), e passada mais de uma década do lançamento dessa proposta internacional, partiu-se, na presente pesquisa, da hipótese de que estudos relacionados a tais iniciativas podem, ou devem, ter incorporado preocupação ou abordagem ou apresentado reflexão específica em relação às mulheres idosas, para além da exigência de mulheres na composição dos grupos focais. Tal curiosidade motivou a realização de revisão de literatura, conforme procedimentos explicados a seguir.

Objetivo

O objetivo do presente trabalho foi investigar se estudos, direta ou indiretamente relacionados ao Projeto Cidade Amiga do Idoso, têm apresentado dados, abordagens ou reflexões em relação à mulher idosa e, em caso positivo, descrever tais informações.

Método

Trata-se de pesquisa bibliográfica, exploratória e descritiva, de cunho inventariante. As pesquisas exploratórias “têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses” (Gil, 2002, p. 41), assumindo, na maioria dos casos, a forma de “pesquisa bibliográfica e estudo de caso” (Gil, 2002, p. 41).

Para isso, foram utilizadas as bases de dados AgeLine e Portal de Periódicos CAPES, doravante chamada Periódicos CAPES. Foi realizada uma primeira busca em 15 de julho de 2019. Tal levantamento revelou uma escassa produção de literatura no tema, não aparecendo nenhum resultado que tratasse da mulher idosa como temática principal em pesquisas relacionadas ao projeto AFC. Por esse motivo, optou-se por ampliar os descritores e os campos de busca. Também se entendeu que a investigação seria do tipo revisão de escopo. Isso porque as revisões de escopo podem ser benéficas para explorar campos de estudo com evidências em crescimento, aplicando-se quando um leque de literatura ainda não foi amplamente revisado ou possui uma natureza vasta, complexa e heterogênea, desfavorável para uma revisão sistemática mais precisa (Peters *et al.*, 2015). Elas contribuem para a ciência como um tipo de investigação de uma área mais ampla, para identificar lacunas na base de conhecimento da pesquisa, esclarecer conceitos-chave, entre outras funções (Peters *et al.*, 2015).

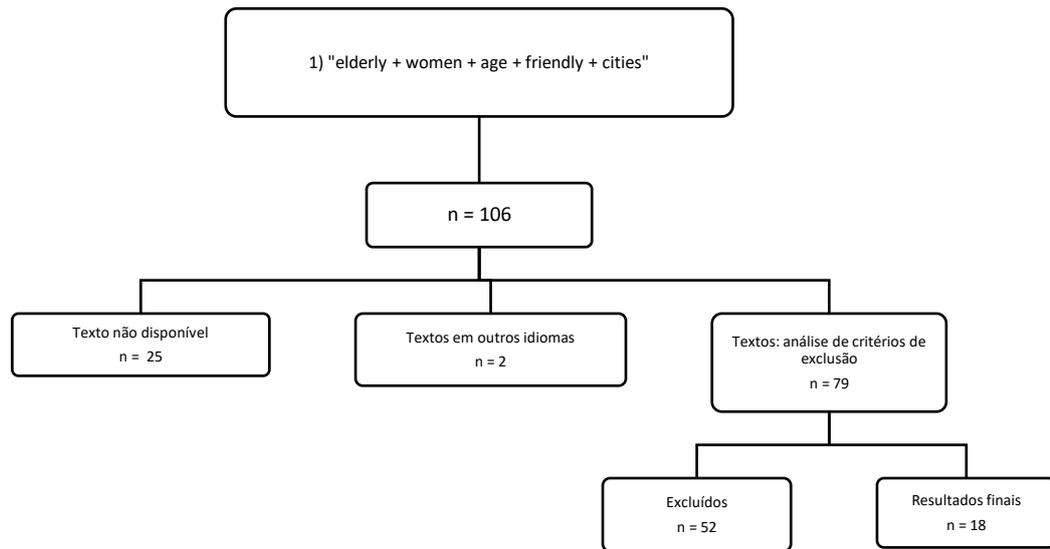
A busca do presente estudo foi repetida, passando pelo crivo de uma segunda revisora, no dia 16 de janeiro de 2020. Buscaram-se artigos publicados em periódicos em português, inglês ou espanhol no período de 2009 a 2019, disponíveis na íntegra nas referidas bases de dados. Na AgeLine, a busca utilizou-se dos termos *elderly* ou *older + women* ou *woman + age-friendly + cities*, para todos os resultados. No Portal CAPES, foram usados os seguintes descritores: a) Amiga do idoso ou Amigas do idoso + mulher ou mulheres ou feminina ou idosa ou idosas; b) Amigo do idoso ou Amigos do idoso + mulher ou mulheres ou feminina ou idosa ou idosas. Neste portal também foi realizada a busca por termos em espanhol, utilizando-se os descritores *mujer + anciana + ciudad amigas personas mayores* e, em seguida, *vejez + feminina + ciudad amigas de las personas mayores*.

Os resultados passaram pelo processo de exclusão de repetições, de textos que não estivessem disponíveis na íntegra ou que fossem redigidos em outro idioma que não aqueles previamente determinados. Foram, em seguida, aplicados os seguintes critérios de exclusão: a) estudos que não tratam de iniciativas Amigas do Idoso, entendendo-se tais iniciativas como projetos ou estudos que tenham aplicado ou se inspirado em conceitos, métodos ou resultados do projeto AFC; b) estudos em que a OMS aparece apenas nas referências, como fonte citada; c) estudos em que o termo mulher - ou mulheres ou feminino ou sexo ou gênero, e respectivas traduções em inglês e espanhol, quando se tratar de textos nestes idiomas - aparece apenas nas referências, como fonte citada. Para averiguar a aplicação de tais critérios, buscou-se dentro de cada resultado disponível, no texto integral, os seguintes termos: WHO, *World Health Organization*, *woman*, *women*, *female/s*, *gender*, *sex*, e, quando cabível, seus correspondentes em português: OMS, Organização Mundial da Saúde, mulher, mulheres, feminino, feminina, femininos, femininas, gênero e sexo. Somente os resultados finais, após a aplicação destes critérios, foram objeto de uma leitura completa, na íntegra.

Resultados

Na primeira busca realizada na Ageline, sumarizada no Quadro 2, apareceram 106 resultados, restando para leitura completa 18 (dezoito) artigos.

Quadro 2 - Resultados na base AgeLine com descritores *elderly + women + age + friendly + cities*

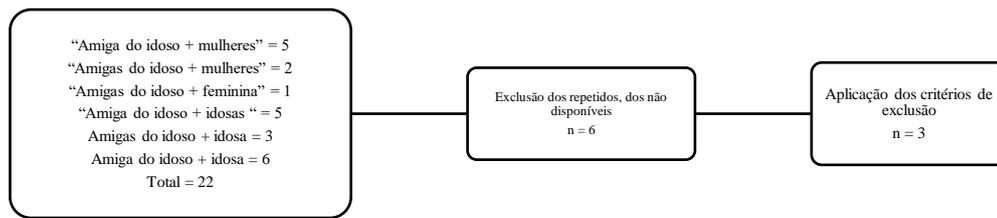


Fonte: Lucila Maria Barbosa Egydio e Bibiana Graeff (2020)

Nas demais buscas, com os outros descritores em inglês, houve muitas repetições, e os escassos resultados que não tinham aparecido na primeira busca foram eliminados pelos critérios de exclusão, não restando quaisquer resultados para leitura completa.

A busca na base Periódicos CAPES com os termos em espanhol não apresentou resultados. Já com os termos em português, as únicas buscas que trouxeram resultados foram: Amiga do idoso + mulheres = 5; Amigas do idoso + mulheres = 2; Amigas do idoso + feminina = 1; Amiga do idoso + idosas = 5; Amigas do idoso + idosa = 3; e Amiga do idoso + idosa = 6. O número máximo de publicações resultantes foi de seis títulos diferentes, excluídas as repetições e os textos indisponíveis. Após a aplicação dos critérios de exclusão, restaram três publicações incluídas na análise. O quadro 3 sintetiza este processo.

Quadro 3 - Resultados no Periódicos CAPES



Fonte: Lucila Maria Barbosa Egydio e Bibiana Graeff (2020)

Pelo exposto, foram incluídos para análise na íntegra um total de 21 (vinte e um) artigos, publicados entre 2010 e 2019, sem resultado algum para o ano de 2009. Para facilitar o entendimento da análise, os artigos incluídos foram elencados no quadro abaixo (Quadro 4) e ordenados por ano de publicação.

Quadro 4 – Listagem dos artigos incluídos na revisão de escopo

SISTEMATIZAÇÃO – REVISÃO DE ESCOPO								
Artigos incluídos								
	Ano	Autor	Título	AFC (A = aplicado; I = inspirado/iniciat iva própria)	Foco mulher idosas	Somente dados demográfico s/ participação na amostra	Citações ou falas de/ sobre mulhere s idosas	Reflexões sobre mulher idosas ou gênero
1	2019	Paiva, Daniel, & Vicente	Coimbra, Portugal, cidade amiga da(s) idade(s): percepção da cidade e qualidade de vida de uma amostra de pessoas idosas	A	N	S	N	N
2	2018	Chitturu	Role, Relevance and Issues of Age-Friendly Environment in Older Age	I	N	N	N	S
3	2018	Buffel	A Manifesto for the Age-Friendly Movement: Developing a New Urban Agenda	I	N	N	N	S
4	2018	Toohey	Pets, Social Participation, and Aging-in-Place: Findings from the Canadian Longitudinal Study on Aging	A	N	N	S	N
5	2018	Neville	Promoting Age-Friendly Communities: an Integrative Review of Inclusion for Older Immigrants.	I	N	S	N	N
6	2017	Park	Age-friendly environments and life satisfaction among South Korean elders: person–environment fit perspective	A	N	S	N	S
7	2017	Elsawahli <i>et al.</i>	Evaluating Potential Environmental Variables and Active Aging in Older Adults for Age-Friendly Neighborhoods in Malaysia.	I	N	S	N	N

8	2017	De La Torre	Ecological Approaches to an Age-Friendly Portland and Multnomah County.	I	N	N	N	S
9	2017	Syed	Social Isolation in Chinese Older Adults: Scoping Review for Age-Friendly Community Planning.	A	N	N	S	S
10	2016	Ramachandran	A Cross-Sectional Survey on Older Adults' Community Mobility in an Indian Metropolis	I	N	S	N	N
11	2016	Winterton	Organizational Responsibility for Age-Friendly Social Participation: Views of Australian Rural Community Stakeholders	I	N	N	N	S
12	2015	Navarro <i>et al.</i>	Percepção dos idosos jovens e longevos gaúchos quanto aos espaços públicos em que vivem	I	N	S	N	S
13	2014	Bigonnesse, Beaulieu, & Garon	Meaning of Home in Later Life as a Concept to Understand Older Adults' Housing Needs: Results from the 7 Age-Friendly Cities Pilot Project in Québec	A	N	N	S	N
14	2014	Buffel	Developing Age-Friendly Cities: Case Studies From Brussels and Manchester and Implications for Policy and Practice	A	N	N	N	N
15	2014	Lehning	Local and Regional Governments and Age-Friendly Communities: A Case Study of the San Francisco Bay Area	I	N	N	S	N
16	2014	Craciun	Social Capital in Romanian Old People: Meanings and Opportunities for Health	I	N	S	S	N
17	2014	Annear	Participatory and evidence-based recommendations for urban redevelopment following natural disasters: Older adults as policy advisers	I	N	S	N	N
18	2013	Pereira <i>et al.</i>	Fatores socioambientais associados à ocorrência de quedas em idosos	I	N	N	S	N
19	2013	Keating	Age-Friendly Rural Communities: Conceptualizing 'Best-Fit'.	I	N	N	S	N
20	2011	Menec	Conceptualizing Age-Friendly Communities	A	N	N	N	S
21	2010	Broome <i>et al.</i>	Priorities for an Age-Friendly Bus System	I	N	S	N	N

Fonte: Lucila Maria Barbosa Egydio e Bibiana Graeff (2020)

O quadro acima também apresenta a classificação dos textos de acordo com duas categorizações: a) sua relação com o Projeto AFC; b) sua relação com a questão da mulher idosa. Na primeira, considerou-se: se o texto se referia a uma aplicação do método AFC = subcategoria A; ou se o texto apenas se inspirava no projeto AFC, utilizava-o na

discussão ou apresentava uma iniciativa Amiga do Idoso com metodologia própria = subcategoria I. Observa-se que a maioria dos artigos, N = 14, foram classificados na subcategoria I, não tendo aplicado propriamente ou se referido a iniciativas que observaram o método AFC; estes, foram apenas sete. As subcategorias da segunda categorização foram: ter foco na mulher idosa = nenhum resultado; referir-se à mulher idosa apenas para apresentar dados demográficos ou em relação à composição da amostra = nove resultados; conter citações ou falas de ou sobre mulher idosa = sete resultados; e apresentar alguma reflexão ou proposta em relação à mulher idosa ou a gênero = sete resultados. A classificação nestas subcategorias foi sinalizada com sim = S, ou não = N. Apenas uma dúvida em relação à classificação foi sinalizada com ponto de interrogação.

No artigo 1 (Paiva, Daniel, & Vicente, 2019), foram aplicados questionários na população de Coimbra (Portugal). A supremacia da participação feminina confirma a feminização do envelhecimento. Também se restringem a mencionar a questão feminina em aspectos demográficos ou na composição da amostra os artigos 5 (Neville, 2018), 7 (Elsawahli *et al.*, 2017), 10 (Ramachandran, 2016), 17 (Annear, 2014) e 21 (Broome, *et al.*, 2010). No artigo 14, afirma-se que: “Homens e mulheres nascidos em Manchester têm a menor chance de sobrevivência até os 75 anos de qualquer área da autoridade local na Inglaterra e no País de Gales” (Buffel, 2014, p. 57, tradução livre). A frase deixa dúvidas sobre se essa menor chance de sobrevivência é verificada tanto nos homens quanto nas mulheres (o que seria uma informação demográfica específica quanto a este segmento), ou se fala de homens e mulheres no conjunto.

O estudo 2 aborda a relevância de um ambiente amigável aos idosos, mencionando as mulheres idosas indianas da seguinte forma (Chitturu, 2018, p. 99, tradução livre):

Sabe-se que os determinantes sociológicos têm influência direta no bem-estar psicológico das mulheres idosas. Devido ao menor envolvimento no processo de tomada de decisão em casa, menos participação nas funções da família e eventos da comunidade, ou mesmo no trabalho doméstico regular, isso as faz sentirem-se nervosas, ansiosas, indesejadas e solitárias na maior parte do tempo. Esses fatores ainda as tornam mais vulneráveis à incapacidade e à doença, dificultando o acesso aos serviços de saúde, apesar de a Índia ter 'acesso a uma utilização de qualidade da saúde' como uma das agendas de desenvolvimento.

O estudo revela a condição praticamente de reclusão da maioria das mulheres idosas no país, que perdem sua participação social, sua autoridade e a capacidade de contribuir na tomada de decisão a respeito da vida familiar. Acabam tendo como atividades principais cuidar dos netos e da casa, deixando inclusive de visitar templos, familiares e amigos (Chitturu, 2018).

O artigo 3 (Buffel, 2018) consiste em um manifesto para o movimento Amigo do Idoso, visando a ampliar as suas aspirações e a propor que se possam vislumbrar novos desenhos para as iniciativas. Destaca a necessidade de se incluírem análises de gênero entre outros fatores para a promoção da equidade. Uma proposta de inclusão de elementos intrapessoais, tais como o sexo para a promoção da equidade também aparece no artigo 8 (De La Torre, 2017), que descreve as iniciativas amigáveis para os idosos em Portland e Multnomah County. Reflexão similar é proposta no artigo 20, onde os autores aplicam uma perspectiva ecológica e sugerem uma abordagem holística e interdisciplinar na pesquisa, justificando que a mesma (Menec, 2011, p. 479, tradução livre):

[...] é necessária porque os domínios favoráveis à idade (ambiente físico, moradia, ambiente social, oportunidades de participação, apoios formais e informais da comunidade e serviços de saúde, transporte, comunicação e informação) não podem ser tratados isoladamente de fatores intrapessoais, como idade, gênero, renda e *status* funcional, além de outros níveis de influência, incluindo o ambiente político.

O estudo também menciona que as mulheres param de dirigir antes dos homens na velhice, além do fato de serem mais engajadas em trabalhos voluntários do que os homens.

Toohey (2018), no estudo 4, ao aplicar indicadores do projeto AFC, busca avaliar se possuir um animal de estimação contribui para a participação social e a satisfação com a vida dos idosos. O autor cita gênero diversas vezes como co-variável analisada nos tratamentos estatísticos utilizados. As co-variáveis significativamente associadas a níveis mais altos de participação social incluem ser mulher e ser casada.

Park (2017), no artigo 6, aborda o papel do meio ambiente no bem-estar de idosos vulneráveis em um contexto não ocidental. Utilizando os indicadores do projeto AFC, o trabalho examina a satisfação com a vida entre idosos sul-coreanos, explorando até que ponto as características ambientais multidimensionais estão associadas ao baixo *status*

socioeconômico. Dentre os grupos estudados: a proporção de mulheres em grupos de pessoas que vivem sozinhas foi maior que a proporção de mulheres em grupos de co-residentes. O estudo aponta que os indivíduos do grupo dos que vivem sozinhos geralmente são mais velhos e mulheres, têm níveis mais baixos de educação e moram em casas de aluguel. Tanto os idosos co-residentes quanto os que vivem sozinhos, que eram pobres ou quase pobres, eram mais frequentemente mulheres, eram significativamente mais velhos, tinham níveis mais baixos de educação e eram menos propensos a serem proprietários de casas.

O estudo de Syed (2017), artigo 9, sobre chineses idosos imigrantes, tem como eixo condutor o isolamento social e aponta para o movimento AFC como um mecanismo para lidar com o isolamento social e a solidão no nível comunitário. Por meio de revisão de escopo e aplicação das oito pétalas do projeto AFC nos estudos incluídos, conclui-se que as mulheres chinesas mais velhas e o segmento etário mais velho da população idosa chinesa parece ser mais afetado, ou correr o risco de esses idosos se sentirem socialmente isolados e solitários. Além disso, as redes de suporte social dos migrantes chineses mais velhos eram restritas, principalmente às mulheres. Quase metade dos entrevistados, especialmente mulheres, indicou um péssimo domínio sobre o idioma inglês, o que dificulta sobremaneira a inserção social e autoconfiança dessas pessoas, reforçando o isolamento social. Entre as mulheres solitárias, foram prevalentes os sentimentos de solidão, bem como a saúde mental menos favorável (Syed, 2017). Nos estudos analisados, as mulheres idosas chinesas, para atender suas necessidades de transporte, dependem da ajuda de outras pessoas, muito em função da sinalização unilíngue, apenas em inglês ou francês, dado que o estudo foi feito no Canadá. Conclui-se que uma percepção significativa de gênero pode ser obtida a partir da análise, ressaltando-se que as comparações entre os gêneros nos resultados específicos foram escassas, revelando que esse problema ainda é subestimado.

O artigo 11 (Winterton, 2016) explora as barreiras enfrentadas por membros de uma comunidade rural australiana. Os autores concluem que há dificuldades estruturais, para as quais há falta de recursos, mas também dificuldades para facilitar o engajamento dos idosos na tomada de decisão. As respostas analisadas enveredam pelas responsabilidades em responder a tais desafios, tanto do poder público, como dos atores sociais. Um dos aspectos analisados foi a capacidade de divulgação, em que os autores mencionam que membros do setor de trabalhos voluntários discutiram questões relacionadas à confidencialidade, leis de privacidade e gênero. Conclui, afirmando a

necessidade de que as várias partes interessadas se articulem, com vistas a definir com mais clareza atribuições de cada um na promoção de ambientes amigáveis aos idosos.

Navarro *et al.* (2015), no artigo 12, avaliam a variação da percepção de idosos jovens e longevos do Rio Grande do Sul, quanto ao ambiente urbano em que vivem. O estudo menciona que as mulheres representam 51,6% da amostra, chamando a atenção para este fato ser corriqueiro em várias pesquisas. Refere que os homens são mais acometidos por doenças com maiores índices de mortalidade, ao passo que as mulheres são mais acometidas por osteoporose e depressão. As médias de sintomas depressivos seriam mais altas em mulheres com idades mais avançadas, e com baixa escolaridade.

O estudo 15 (Lehning, 2014) visa a avaliar em que medida as instâncias municipais de serviços e as autoridades e agências de transporte da área da baía de São Francisco adotam políticas, programas e projetos adequados para idosos. Conclui-se que são oferecidos vários recursos amigáveis ao idoso na área estudada, como formas alternativas de mobilidade, incentivos para bairros de uso misto, recursos para apoiar a capacidade de locomoção, tarifas com desconto de transporte público e recursos para fortalecer a acessibilidade ao transporte público. Afirma que 22% das mulheres e 55% dos homens com 85 anos ou mais ainda possuem carteira de motorista.

O artigo 16 (Craciun, 2014) explora os significados do capital social nos idosos romenos. Entrevistas, feitas com seis mulheres e oito homens idosos, levam à conclusão de que o elo mais importante da rede de suporte social, para eles, é a família, cujas normas de confiança e reciprocidade são distintas daquelas em relação à comunidade. Falas femininas exemplificam ações das idosas nos novos tempos para manter seus papéis sociais, tais como viajar para outro país para cuidar dos netos, sair com amigas, usar o tempo da forma desejada, já que não podiam fazê-lo antes da aposentadoria ou quando tinham filhos pequenos. Sugere a implantação de AFC na Romênia.

Pereira *et al.* (2013), no artigo 18, baseiam seu estudo no projeto AFC para identificar e avaliar o perfil dos idosos e o ambiente onde vivem, no Estado do Rio Grande do Sul. A amostra foi constituída por 51,7% de mulheres, e o estudo confirma a maior incidência de quedas nas mulheres idosas, corroborando vários estudos com conclusões similares. Reitera-se o fato de mulheres relatarem mais episódios de quedas por serem mais acometidas por doenças crônico-degenerativas e sujeitas ao uso de maior número de medicamentos. Conclui-se que, embora as quedas sejam associadas a aspectos físicos e comportamentais, variáveis socioambientais também são significativas; portanto, o ambiente urbano necessita de ajustes, para tornar-se mais seguro e atrativo para o idoso.

O artigo 19 (Keating, 2013) chama a atenção para o fato de que a literatura sobre AFC é predominantemente focada no envelhecimento urbano. O texto aborda essa lacuna, perguntando o que é mais adequado entre as pessoas idosas e seu ambiente em um contexto rural, aspecto de extrema relevância no Canadá, onde o estudo foi realizado. A pesquisa utiliza gênero na descrição das duas comunidades rurais estudadas, traz uma fala feminina como exemplo da precariedade no comércio, a existência de apenas uma loja de roupas para mulheres, e afirma ser necessário *re-conceituar* [sic] o que é amigável ao idoso no projeto AFC, para acomodar características de comunidades rurais.

Discussão

Nota-se uma evolução do entendimento da OMS em suas orientações para as iniciativas AFC, no sentido de que sejam incorporadas análises de gênero com olhar específico para a mulher idosa. Enquanto as publicações que delineiam o projeto AFC e são referências iniciais para sua replicação (Organização Mundial da Saúde, OMS, 2008; World Health Organization, WHO, 2007) trazem poucas menções às especificidades da mulher idosa e a questões de gênero que permeiam o envelhecimento, admitindo-se inclusive que questões de gênero deveriam, por sua abrangência, serem tratadas em iniciativas próprias (Organização Mundial da Saúde, OMS, 2008), uma publicação mais recente indica a necessidade de incorporação da variável gênero nos indicadores que avaliem as características amigáveis à população idosa de determinada localidade (World Health Organization, WHO, 2015).

Quanto aos resultados da revisão de escopo, diversas temáticas são abordadas em relação à mulher idosa. A literatura confirma a tendência de feminização da velhice e de maior participação feminina nas amostras das pesquisas. As temáticas abordadas foram: menor participação nas decisões em casa e na comunidade para idosas na Índia e exclusão social – na Índia e em relação a imigrantes chinesas no Canadá. Para os imigrantes chineses nesse país, os riscos de isolamento social e do maior sentimento de solidão estão associados a ser mulher e com a idade mais avançada. No estudo na Coreia do Sul, os indivíduos que compuseram o grupo dos que residem sozinhos foram principalmente mulheres e as pessoas com idade mais avançada. Maior grau de participação social está associado a ser mulher e ser casada no estudo de Toohey (2018), no Canadá. Dentre as atividades realizadas por mulheres, aparecem em dois estudos o fato de cuidarem de netos, em relação às idosas na Índia e as das idosas na Romênia. Um

estudo menciona o voluntariado. Diversos estudos tratam de aspectos relacionados à saúde (destacando-se os temas da saúde mental e das quedas). Dois estudos apontam para o tema de dirigir um automóvel: as mulheres tenderiam a deixar de dirigir antes dos homens, e o percentual de mulheres acima de 85 anos de idade com carteira de motorista seria menor do que o dos homens nessa faixa etária. No transporte das imigrantes chinesas no Canadá, há uma dificuldade em relação ao idioma utilizado nas sinalizações.

Alguns resultados da presente revisão tratam de especificidades da zona rural, fornecendo pequenas pistas em relação à mulher idosa, sem, no entanto, aprofundar análises de gênero. É importante que se possa pensar na situação das mulheres idosas nos contextos específicos onde vivem. Um artigo traz, por exemplo, a fala de uma idosa que se queixa da existência de uma única loja de roupas femininas na comunidade rural onde reside no Canadá. No Brasil, a predominância feminina entre os idosos é um fenômeno tipicamente urbano, pois, nas áreas rurais, predominam os homens, o que pode resultar em isolamento e abandono (Camarano, & Kanso, 2017).

Com base na revisão realizada, em que diversos resultados apontam para a necessidade de mais pesquisas com reflexões de gênero nas análises de AFC, percebe-se que o conhecimento em relação ao envelhecimento feminino e os espaços urbanos ainda se encontra disperso. Não foi encontrado nenhum artigo sobre iniciativas amigas do idoso com foco específico na mulher idosa. Mesmo que já existam referências evidenciando às diferenças do envelhecimento feminino em relação ao masculino, seja no âmbito fisiológico, ou no âmbito social, ainda há pouco aprofundamento nestes aspectos para que subsidiem propostas mais concretas sobre a preparação da cidade para atender a demandas específicas da mulher idosa.

Conclusões

A mulher idosa requer e necessita de atenção às suas necessidades específicas, fator que já foi identificado como importante para compreender o envelhecimento e oferecer respostas compatíveis para a sociedade que envelhece no contexto urbano. No entanto, não se observam estudos relacionados ao projeto AFC que tragam maiores detalhes sobre o envelhecimento feminino, suas necessidades e possíveis propostas que possam orientar a tomada de decisão. Apesar dessa lacuna, observa-se, na literatura relacionada à AFC, a existência de pesquisas que começam a tratar de públicos (imigrantes) ou realidades (área rural) mais específicas, além de publicações que realçam

a importância de se considerar o gênero, o que sugere tendência para justificar a incorporação de procedimentos e análises específicas em relação à mulher idosa.

Ao mesmo tempo em que configuram certa frustração científica, os achados revelam um campo aberto e vasto para o aprofundamento de pesquisas referentes ao tema da mulher idosa em iniciativas AFC. Sugere-se, assim, que futuras iniciativas e pesquisas nesse campo integrem em seus procedimentos e análises um olhar específico em relação à mulher idosa.

Referências

- Almeida, A. V., Tavares Mafra, S. C., Da Silva, E. P., & Kanso, S. (2015). A Feminização da Velhice: em foco as características socioeconômicas, pessoais e familiares das idosas e o risco social. Porto Alegre, RS: *Textos & Contextos*, 14(1), 115-131. Recuperado em 8 janeiro, 2020, de: <https://doi.org/10.15448/1677-9509.2015.1.19830>.
- Annear, M. (2014). Participatory and evidence-based recommendations for urban redevelopment following natural disasters: Older adults as policy advisers. *Australasian Journal on Ageing*, 33(1), 43-49. Recuperado em 8 janeiro, 2020, de: DOI: 10.1111/ajag.12053.
- Bassit, A. Z., & Witter, C. (2017). Envelhecimento e gênero. In: Freitas, E. V., & Py, L. (Eds.). *Tratado de geriatria e gerontologia*, 3416-3429. (4ª ed.). Rio de Janeiro, RJ: Guanabara Koogan.
- Bezerra, F. C., Almeida, M. I., & Nóbrega-Therrien, S. M. (2012). Estudos sobre Envelhecimento no Brasil: revisão bibliográfica. Rio de Janeiro, RJ: *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 15(1), 155-167. Recuperado em 8 janeiro, 2020, de: <https://www.scielo.br/pdf/rbagg/v15n1/17.pdf>.
- Bigonnesse, C., Beaulieu, M., & Garon, S. (2014). Meaning of Home in Later Life as a Concept to Understand Older Adults' Housing Needs: Results from the 7 Age-Friendly Cities Pilot Project in Québec. *Journal of Housing for the Elderly*, 28(4), 357-382. Recuperado em 8 janeiro, 2020, de: <https://doi.org/10.1080/02763893.2014.930367>.
- Brasil. (2018). Ministério do Desenvolvimento Social. *Estratégia Brasil amigo da pessoa idosa: Documento Técnico*. Brasília, DF. (33 p.). Recuperado em 08 janeiro, 2020, de: https://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/Brasil_Amigo_Pessoa_Idosa/Documento_Tecnico_Brasil_Amigo_Pessoa_Idosa.pdf.
- Broome, K., Worrall, L., McKenna, K., & Boldy, D. (2010). Priorities for an Age-Friendly Bus System. *Canadian Journal on Aging*, 29(3), 435-444. Recuperado em 8 janeiro, 2020, de: DOI: <https://doi.org/10.1017/S0714980810000425>.
- Buffel, T. (2014). Developing Age-Friendly Cities: Case Studies from Brussels and Manchester and Implications for Policy and Practice. *Journal of Aging & Social Policy*, 26, 52-72. Recuperado em 8 janeiro, 2020, de: DOI: 10.1007/978-3-319-21419-1.
- Buffel, T. A. (2018). Manifesto for the Age-Friendly Movement: Developing a New Urban Agenda. *Journal of Aging and Social Policy*, 30(2), 173-192. Recuperado em 8 janeiro, 2020, de: DOI: 10.1080/08959420.2018.1430414.

- Camarano, A. A. (2002). *Envelhecimento da população Brasileira: uma contribuição demográfica*. Rio de Janeiro, RJ: IPEA. (31 p.).
- Camarano, A. A., & Kanso, S. (2017). Envelhecimento da População Brasileira: Uma Contribuição Demográfica. In: Freitas, E. V., & Py, L. (Eds.). *Tratado de geriatria e gerontologia*, 203-234. (4ª ed.). Rio de Janeiro, RJ: Guanabara Koogan.
- Centro Internacional de Longevidade Brasil, ILC. (2015). *Envelhecimento Ativo: um marco político em resposta à revolução da longevidade*. Rio de Janeiro, RJ: ILC-BR. Recuperado em 8 janeiro, 2020, de: http://ilcbrazil.org/portugues/wp-content/uploads/sites/4/2015/12/Envelhecimento-Ativo-Um-Marco-Pol%C3%ADtico-ILC-Brasil_web.pdf.
- Chitturu, S. (2018). Role, Relevance and Issues of Age-Friendly Environment in Older Age. *Indian Journal of Gerontology*, 32(1), 91-102. Recuperado em 8 janeiro, 2020, de: <https://knrajlibrary.wordpress.com/2018/05/12/indian-journal-of-gerontology-volume-32-issue-no-1-2018/>.
- Craciun, C. (2014). Social Capital in Romanian Old People: Meanings and Opportunities for Health. *Ageing International*, 39(2), 106-123. Recuperado em 8 janeiro, 2020, de: DOI: <https://doi.org/10.1007/s12126-012-9157-0>.
- De La Torre, A. (2017). Ecological Approaches to an Age-Friendly Portland and Multnomah County. *Journal of housing for the elderly*, 31(2), 130-145. Recuperado em 8 janeiro, 2020, de: <https://doi.org/10.1080/02763893.2017.1309931>.
- Elsawahli, H., Ali, A. S., Ahmad, F., & Al-Obaidi, K. M. (2017). Evaluating Potential Environmental Variables and Active Aging in Older Adults for Age-Friendly Neighborhoods in Malaysia Hanan. *Journal of Housing for the Elderly*, 31(1), 74-92. Recuperado em 8 janeiro, 2020, de: <https://doi.org/10.1080/02763893.2016.1268560>.
- Gil, A. C. (2007). *Como elaborar projetos de pesquisa*. (4ª ed.). São Paulo, SP: Atlas.
- Graeff, B., Bestetti, M. L., Domingues, M., & Cacchioni, M. (2019). Lifelong learning: perceptions collected through the “Age-friendly Cities” Method in the Neighborhood of Mooca, São Paulo (Brazil). *Journal for Research on Adult Education (Zeitschrift für Weiterbildungsforschung - ZfW)*, 42(41-68). Recuperado em 8 janeiro, 2020, de: <https://link.springer.com/article/10.1007/s40955-018-0124-6>.
- Keating, N. (2013). Age-Friendly Rural Communities: Conceptualizing ‘Best-Fit’. *Canadian Journal on Aging*, 32(4), 319-332. Recuperado em 8 janeiro, 2020, de: <https://www.cambridge.org/core/journals/canadian-journal-on-aging-la-revue-canadienne-du-veillissement/article/abs/agefriendly-rural-communities-conceptualizing-bestfit/0A13633AACF22B212DBED0C7D1F203CD>.
- Graeff, B., Domingues, M. A., & Bestetti, M. L. T. (2012). Bairro Amigo do Idoso no Brás: percepções sobre os migrantes internacionais. *Revista Kairós-Gerontologia*, 15(Número Especial, 13, “Vulnerabilidade/Envelhecimento e Velhice: Aspectos Biopsicossociais”, 177–196. Recuperado em 8 janeiro, 2020, de: <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/17304/12849>.
- Graeff, B. (2018). Como proteger a pessoa? Resenha sobre o livro: Almeida, G. A. *A proteção da pessoa humana no direito internacional: conflitos armados, refugiados e discriminação racial*. São Paulo, SP: Editora CLA Cultural. *Revista Interdisciplinar de Direitos Humanos, RIDH*, 6(2), 179-181.

Lehning, A. (2014). Local and Regional Governments and Age-Friendly Communities: A Case Study of the San Francisco Bay Area. *Journal of Aging and Social Policy*, 26(1/2), 102-116. Recuperado em 8 janeiro, 2020, de: <https://doi.org/10.1080/08959420.2014.854140>.

Menec, V. (2011). Conceptualizing Age-Friendly Communities. *Canadian Journal on Aging/ La Revue Canadienne du Vieillissement*, 30(3), 479-493. Recuperado em 8 janeiro, 2020, de: <https://www.cambridge.org/core/journals/canadian-journal-on-aging-la-revue-canadienne-du-vieillissement/article/abs/conceptualizing-agefriendly-communities/11F7B9EF0A9DD345BA10D3D934E7DB11>.

Motta, A. B. (1999). As dimensões de gênero e classe social. *Cadernos Pagu*, 13, 191–221. Recuperado em 8 janeiro, 2020, de: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8635327/3129>.

Motta, A. B. (2006). Visão antropológica do envelhecimento. In: Freitas, E. V. et al. *Tratado de Geriatria e Gerontologia*, 78-82. (2ª ed.). Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.

Naciones Unidas. (2002). La Mujer 2000: *Dimensiones del envejecimiento relacionadas con el género*. [New York]: UN, 2002. Recuperado em 08 janeiro, 2020, de: <https://www.un.org/womenwatch/daw/public/mar02s.pdf>.

Navarro, J. H. N., Andrade, F. P., Paiva, T. S., Silva, D. O., Gessinger, C. F., & Bós, Â. J. G. (2015). Percepção dos idosos jovens e longevos gaúchos quanto aos espaços públicos em que vivem. *Ciência & Saúde Coletiva*, 20(2), 461-470. Recuperado em 8 janeiro, 2020, de: <https://scielosp.org/article/csc/2015.v20n2/461-470/pt/>.

Organização dos Estados Americanos, OEA. (2014). *Convenção interamericana sobre a proteção dos direitos humanos dos idosos*. Washington, DC: OEA. (27 p.). Recuperado em 8 janeiro, 2020, de: <http://www.ampid.org.br/v1/wp-content/uploads/2014/08/conven%C3%A7%C3%A3o-interamericana-sobre-a-prote%C3%A7%C3%A3o-dos-direitos-humanos-dos-idosos-OEA.pdf>.

Organização Mundial da Saúde. (2008). *Guia global: cidade amiga do idoso*. Genebra, Suíça: OMS. (66 p.). Recuperado em 01 fevereiro, 2020, de: <http://www.who.int/ageing/GuiaAFCPortuguese.pdf>.

Paiva, N. M., Daniel, F., & Vicente, H. T. (2019). Age-friendly Coimbra city, Portugal, perception and quality of life in a sample of elderly persons. *Ciência & Saúde Coletiva*, 24(4). Recuperado em 8 janeiro, 2020, de: <https://doi.org/10.1590/1413-81232018244.08902017>.

Park, S. (2017). Age-friendly environments and life satisfaction among South Korean elders: person–environment fit perspective. *Aging and Mental Health*, 21(7), 693-702. Recuperado em 8 janeiro, 2020, de: DOI: 10.1080/13607863.2016.1154011.

Pedreño, M. H. (2000). *Desigualdades según género en la vejez*. Ed. Secretaría Sectorial de la Mujer y de la Juventud. Region de Murcia: Consejería de Presidencia. Recuperado em 8 janeiro, 2020, de: <https://conocimientoabierto.carm.es/jspui/bitstream/20.500.11914/1481/1/Desigualdades%20seg%C3%BAn%20g%C3%A9nero%20en%20la%20vejez.pdf>.

Pereira, G. N., Morsch, P., Lopes, D. G. C., Trevisan, M. D., Ribeiro, A., Navarro, J. H. do N., Bós, D. da S. G., Vianna, M. S. dos S., & Bós, Â., J. G. (2013). Fatores socioambientais associados à ocorrência de quedas em idosos. *Ciência e Saúde Coletiva*, 18(12), 3507-3514. Recuperado em 8 janeiro, 2020, de: <https://www.scielo.br/pdf/csc/v18n12/a07v18n12.pdf>.

- Peters, M. D., Godfrey, C. M., Khalil, H., McInerney, P., Parker, D., & Soares, C. B. (2015). Guidance for conducting systematic scoping reviews. *In: J Evid Based Health, International Journal of Evidence-Based Healthcare*, 13(3), 141-146. University of Adelaide, Joanna Briggs Institute. Recuperado em 8 janeiro, 2020, de: DOI: 10.1097/XEB.0000000000000050.
- Plouffe, L., Kalache, A., & Voelcker, I. (2016). A Critical Review of the WHO Age-Friendly Cities Methodology and its Implementation Age-friendly cities and communities in international comparison. Recuperado em 8 janeiro, 2020, de: DOI: 10.1007/978-3-319-24031-2_2.
- Ramachandran, M. (2016). A Cross-Sectional Survey on Older Adults' Community Mobility in an Indian Metropolis. *Journal of Cross-Cultural Gerontology*, 31(1), 9-33. Recuperado em 8 janeiro, 2020, de: <https://link.springer.com/article/10.1007/s10823-015-9276-7>.
- Syed, M. (2017). Social Isolation in Chinese Older Adults: Scoping Review for Age-Friendly Community Planning. *Canadian Journal on Aging*, 36(2), 223-245. Recuperado em 8 janeiro, 2020, de: DOI: 10.1017/S0714980817000101.
- Toohy, A. M. (2018). Pets, Social Participation, and Aging-in-Place: Findings from the Canadian Longitudinal Study on Aging. *Canadian Journal on Aging*, 37(2), 200-217. Recuperado em 8 janeiro, 2020, de: <https://www.cambridge.org/core/journals/canadian-journal-on-aging-la-revue-canadienne-du-vieillessement/article/abs/pets-social-participation-and-aginginplace-findings-from-the-canadian-longitudinal-study-on-aging/E74CEF04D7F5473A1F57DE3C8ED4D5A9>.
- Winterton, R. (2016). Organizational Responsibility for Age-Friendly Social Participation: Views of Australian Rural Community Stakeholders. *Journal of Aging and Social Policy*, 28(4), 261-276. Recuperado em 31 janeiro, 2020, de: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/08959420.2016.1145504?tab=permissions&scroll=top>.
- World Health Organization, WHO. (2015). *Beyond the mortality advantage: Investigating women's health in Europe*. (42 p.). Recuperado em 8 janeiro, 2020, de: https://www.euro.who.int/__data/assets/pdf_file/0008/287765/Beyond-the-mortality-advantage.pdf.

Recebido em 04/02/2020

Aceito em 30/05/2020

Lucila Maria Barbosa Egydio - Mestranda em Gerontologia, Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (EACH/USP).

E-mail: lucila_egydio@usp.br

Bibiana Graeff - Docente da Graduação e Pós-Graduação em Gerontologia, Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (EACH/USP).

E-mail: bibiana.graeff@usp.br

* Este artigo resulta de trabalho de dissertação de mestrado em Gerontologia, da autora 1, sob a orientação da autora 2, na EACH/USP, Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, com título similar, “Mulher Idosa e Bairro Amigo do Idoso”, texto disponibilizado em PDF, em versão on-line, reduzida em 2020. Recuperado de: <https://natalini.com.br/dev/wp-content/uploads/2020/09/3%C2%ba-lugar-lucila-edydio.pdf>.